

## A internacionalização das notícias e o periódico *O Correio Paulistano* na cobertura da Revolução Russa

The internationalization of news and the periodical *O Correio Paulistano* covering the Russian Revolution

Iamara Andrade Sampaio

Doutoranda em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

iamarandrade53@gmail.com

Recebido em: 31/10/2021

Aprovado em: 05/12/2021

**Resumo:** O objetivo desse artigo é apresentar como a imprensa empresarial brasileira divulgou os principais acontecimentos da Revolução Russa entre setembro e outubro de 1917, marcados pela ascensão dos bolcheviques numa conjuntura brasileira de intensa agitação social, grandes ações grevistas e realinhamento republicano dos grupos dominantes. Para tanto, foi realizada uma análise temática de conteúdo por meio do Software NVivo das notícias sobre a Revolução Russa publicadas pelo jornal *O Correio Paulistano* no contexto da modernização da imprensa de “grande tiragem” cujo marco é a cobertura internacional da Primeira Guerra Mundial. A hipótese inicial é que os jornais brasileiros construíram representações que atuaram na elaboração das análises e perspectivas sobre a experiência histórica da Revolução Russa cujos elementos contribuíram na formação de uma ideologia anticomunista que permeia a visão social sobre a Rússia e seu processo histórico revolucionário.

**Palavras-chave:** Notícias Internacionais; Revolução Russa; Jornal *O Correio Paulistano*.

**Abstract:** The purpose of this article is to present how the Brazilian business press reported the main events of the Russian Revolution between September and October 1917, marked by the rise of the Bolsheviks in a Brazilian situation of intense social unrest, major strike actions, of republican realignment of the dominant groups. To this end, a thematic content analysis was carried out using the NVivo Software of news about the Russian Revolution published by the newspaper *O Correio*

Paulistano in the context of the modernization of the “large circulation” press whose landmark is the international coverage of the First World War. The initial hypothesis is that Brazilian newspapers built representations that acted in the elaboration of analyzes and perspectives on the historical experience of the Russian Revolution, whose elements contributed to the formation of an anti-communist ideology that permeates the social vision of Russia and its historical revolutionary process.

**Keywords:** International News; Russian Revolution; *O Correio Paulistano* Newspaper.

## Introdução

O jornal pertence à rede de informações que começou a tecer-se em torno de nosso globo no século passado e o envolve num fluxo imaterial em perpétua modificação. Uma rede que não impõe ao mundo apenas uma interpretação hegemônica dos acontecimentos, mas a própria forma do acontecimento (MOUILLAUD, 2002, p.32).

A utilização do telégrafo desde a década de 70 do século XIX permitiu a atualização constante e rápida das notícias de um mundo antes longínquo e desconhecido que se tornou próximo e visível. Depois desse equipamento, as agências de notícias atuavam para tornar o mundo mais compacto numa rede de jornais desde a fundação em 1835 da pioneira francesa *Havas*, seguida pela nova-iorquina *Associated Press* (AP) de 1846 e depois, pela concorrente londrina, *Reuters* (1851)<sup>1</sup>.

Pedro Aguiar (2015, p.22) compreende que a gênese histórico-espacial das agências de notícias está relacionada com o caráter de nascimento dessas últimas enquanto um “setor empresarial da comunicação”. Pois, visava atender uma “demanda específica do capital por informação de origem internacional”, produzida no processo inicial da industrialização no qual se destacavam a França, Reino Unido, Prússia e Estados Unidos.

---

<sup>1</sup>O Brasil entrou em 1874 nessa malha dos serviços telegráficos das agências europeias com jornais publicando em primeira página os telegramas internacionais. Na América Latina foi estabelecido o controle da *Havas* e *Reuters* em 1874, logo em seguida a agência francesa garantiu o monopólio até a década de 1930. As três grandes agências do século XIX – *Havas*, *Reuters* e *Wolff* – para reduzir os custos de instalação das redes telegráficas e preservar os respectivos monopólios informacionais iniciaram em 1856 uma série de acordos que resultaram na formação de um cartel europeu das agências com combinação de tarifas, normas de operação e territórios de exclusividade. (MOLINA, 2015; AGUIAR, 2015).

A imprensa brasileira, no período entre 1917 e 1918 estava inserida num contexto de ajustes do regime republicano para adequação aos interesses das facções oligárquicas regionais, a pressão social do movimento operário e uma economia vulnerável às crises cíclicas da exportação do café, apesar do crescimento da industrialização, agora suscetível aos problemas provocados pela substituição de importação decorrentes da Primeira Guerra Mundial<sup>2</sup>.

Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017) demonstrou em sua obra “*O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*” como a Revolução Russa ocupou um espaço destacado na imprensa brasileira através de reportagens, análises e controvérsias com fortes impactos no movimento de elaboração do protoanticomunismo no Brasil<sup>3</sup>.

O Brasil acompanhou a queda do czar e a derrocada de Alexander Kerensky pelas retinas de agências internacionais de notícias, como a Havas, United Press, entre outras. A imagem que elas projetavam da Revolução Russa era a imagem negativa que as altas de finanças de New York, Londres e Paris tinham da tomada do poder por Lenin e Trotsky, em Petrogrado (BANDEIRA, 2017, p. 221).

As distintas recepções do processo revolucionário russo nas Revistas Ilustradas brasileiras (*Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho*, *Eu Sei Tudo*, *A Leitura para Todos* e *Revista da Semana*) foram analisadas em capítulos do livro “*Russos em Revista*” onde é possível verificar a produção e circulação do imaginário sobre a Revolução Russa com personagens associados a “desordem, banditagem, deserção das

---

<sup>2</sup>A intensificação das exportações brasileiras para os países beligerantes entre 1915 e 1917 promoveu graves problemas de desabastecimento e o aumento vertiginoso dos preços dos alimentos que resultaram no avanço da fome. Esse quadro acirra-se ainda mais com a orientação da diplomacia brasileira de aproximação com Washington em outubro de 1917 e a declaração de guerra à Alemanha. Aldrin Castelucci (2019, p.265-266) comparou as greves gerais em Salvador, Recife, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro entre 1917 e 1919 e percebeu que elas possuíam em comum as condições dos trabalhadores vivendo em “profunda deterioração das condições de trabalho e de vida em função da Primeira Guerra Mundial”.

<sup>3</sup>Rodrigo Patto Sá Mota (2000, p.4-7) considera que foi após a ascensão dos bolcheviques e a formação do Estado soviético que o “anticomunismo tomou formas definitivas e consistentes”. E foi a “Intentona Comunista”, em novembro de 1935, a maior responsável pela disseminação e consolidação do anticomunismo no Brasil. Na interpretação de Rodrigo Patto (2016), o anticomunismo em sua essência é um fenômeno de direita, constituído por alguns valores básicos como: a moralidade cristã, propriedade sagrada e a pátria “una e indivisa”. Além disso, também se caracteriza por uma heterogeneidade ideológica que possibilitou a unificação de grupos e líderes políticos de diferentes tradições de direita (liberais, conservadores, fascistas, nacionalistas) e o que foi mais decisivo para o golpe civil-militar de 1964: unificou as corporações militares. Portanto, o anticomunismo foi uma bandeira que alinhou grupos sociais e instituições de diferentes valores e projetos para derrotar os projetos de esquerda que surgiam como ameaças ao status quo.

trincheiras de guerra e as defensoras heroicas do novo regime” com ressalvas aos perigos das “mulheres liberadas” tendentes à “infidelidade e ao adultério”. Assim, a atuação dessas revistas é considerada como parte do circuito produtor e retroalimentador de estereótipos partilhados por uma rede de jornalismo internacional anticomunista.

Como os cangaceiros, também considerados bandidos violentos, os bolchevistas eram caracterizados como sanguinários, pois nenhuma violência perpetrada pelo cangaceiro seria suficiente para torná-lo um representante da causa soviética. Percebe-se o nascimento do imaginário anticomunista nas páginas das revistas ilustradas do Brasil republicano.

Ao fim e ao cabo, são os comunistas russos assassinos de crianças, mulheres e padres. Eis aí o protoanticomunismo e o que será construído em termos de imaginário nas cartilhas anticomunistas produzidas pelo Brasil afora ao longo de todo o século XX, divulgando a ideia de que eram “comedores de criancinhas” (MAIA; CARDOSO e SANTOS, 2018, p.65).

A possibilidade de transformar as notícias sobre a Revolução Russa nos impressos em fontes para analisar as representações como uma força social criadora de visões de mundo está referendado no conceito de Roger Chartier (1991) sobre representações enquanto formas de percepção e classificação da organização social, assim como práticas construtoras de um mundo social próprio. Diante disso, o “texto” corresponderia a uma representação produzida por um setor social capaz de persuadir seus leitores da correspondência entre o que representam e o real.

A metodologia utilizada no estudo das notícias sobre a Revolução Russa no *Correio Paulistano* entre setembro e outubro de 1917 desenvolve os princípios da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009) como um conjunto de instrumentos metodológicos sutis em aperfeiçoamento constante, interligados por um fator: a dedução pela inferência.

Na explicação de Laurence Bardin (2009), a inferência é o procedimento intermediário que permite a passagem entre a descrição (enumeração e resumo das características do texto) e a interpretação (significação concedida a estas características). A autora elenca algumas inferências importantes: concepções ideológicas de uma sociedade, imagens, clichês e arquétipos culturais,

sistema de crenças, estereótipos sociais, representação de tipos e papéis sociais (homem, mulher, rico, pobre, negro, branco, jovem, idoso, etc.).

Bardin (2009) em seu mencionado método propõe cinco etapas, nas quais delineamos o tratamento das notícias na pesquisa aqui desenvolvida, são elas: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático. Na primeira etapa estaria o contato inicial com os documentos, momento da “leitura flutuante” das notícias sobre a Revolução Russa que permitiu inventariar os textos jornalísticos realizando um levantamento dos elementos do conteúdo e em seguida classificá-los por grupos temáticos mais gerais, de acordo com a relevância da sua presença e frequência nas páginas do jornal *O Correio Paulistano*<sup>4</sup>.

Proponho a análise temática como método para identificar as tendências dos textos das notícias da Revolução Russa e assim identificar o conteúdo jornalístico para investigar a forma como a imprensa brasileira acompanhou esse acontecimento entre setembro e outubro de 1917.

O software NVivo foi utilizado como recurso para realização da análise temática devido a sua capacidade de fornecer instrumentos diversificados a pesquisa qualitativa, e principalmente por otimizar e enriquecer os procedimentos necessários na visualização dos resultados em um banco de dados virtual<sup>5</sup>.

## **A modernização dos periódicos empresariais brasileiros no início do século XX**

De acordo com Tânia de Luca (2008, p.149), a expressão “grande imprensa” é uma “forma genérica e imprecisa para designar títulos” que, num contexto histórico, se caracterizam por serem os mais significativos nos aspectos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.

---

<sup>4</sup>O jornal *O Correio Paulistano*, fundado em 1854, na cidade de São Paulo, é caracterizado por Werneck Sodré (1999, p.187-189) como um jornal inovador em suas mudanças e escolhas que apesar de seus intervalos liberais se enquadra no grupo conservador do jornalismo brasileiro.

<sup>5</sup>O NVivo oferece uma estrutura de codificação que possibilita análises e explorações cruzadas em temas e subtemas, permitindo “sobreposições e interseções” entre elas e proporcionando consultas comparativas no material codificado para apresentar “tipos específicos de associações entre itens de pesquisa” (MOZZATO; GRZYBOVSKI; TEIXEIRA, 2016).

Marialva Barbosa (2013, p.194-195) denomina de “imprensa de grande tiragem” aquela cujo desenvolvimento promoveu “transformações nas práticas e processos comunicacionais no alvorecer do século XX”, os jornais popularizados a preços baixos apresentavam informação e diversão, riqueza de ilustrações, publicações de marchinhas e músicas de carnaval, palpites de jogo do bicho, dentre outras estratégias para conquistar o grande público<sup>6</sup>.

Na primeira década do século XX, os novos métodos de impressão e os avanços fotoquímicos já produziam mudanças nas primeiras páginas dos jornais. Tornavam-se lugares privilegiados de profissionalização para os “artífices da palavra e iconografia”, bem como para a vida intelectual. Tânia de Luca (2011) na análise da “grande imprensa” brasileira na primeira metade do século XX, ressalta que a mudança fundamental foi o “declínio da doutrinação em prol da informação, aspecto facilitado pelas agências internacionais e redes de sucursais dos principais diários no país e exterior”.

Consagrou-se a ideia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com rigoroso respeito “à verdade dos fatos”. Mudança sem volta, em que pese o percurso atribulado do jornal-empresa e os limites do seu grau efetivo de mercantilização diante de entraves de caráter político, socioeconômico, cultural e educacional, ademais da estreita vinculação que os diários continuaram a manter com o mundo da política (LUCA, 2011, p.153).

Os jornais diários criaram “fábricas de notícias” para conquistar além do público, a publicidade e o poder, a partir da modernização de diversas cidades, inovações tecnológicas,

---

<sup>6</sup>O conceito de “imprensa de grande tiragem” corresponde às características de modernização dos jornais diários na busca da ampliação e realização dos seus objetivos financeiros. A proposta historiográfica de Marialva Barbosa (2013, p.194-196) caracterizando como construção de “fábricas de notícias” as mudanças na conquista de “público, publicidade e poder” explica um período de transição da estrutura desses jornais nos grandes centros urbanos, chamado de território midiático comum devido aos novos modos comunicação, principalmente durante as duas primeiras décadas do século XX. A pesquisadora associa o surgimento das novas tecnologias comunicacionais (telégrafos, telefones, máquinas linotipos, máquinas impressoras, máquinas fotográficas e máquinas de escrever) com as mudanças na forma de “fazer jornal”. No cenário geral da imprensa brasileira estava inserido também os periódicos operários com seus aspectos diferenciados de uma imprensa colaborativa cuja finalidade não era o consumo lucrativo da informação. Dessa forma, as notícias produzidas sobre a Revolução Russa possuem formatos distintos entre os periódicos da “imprensa de grande tiragem” e aqueles produzidos por grupos operários. Nesse artigo a proposta é compreender a abordagem inicial do *Correio Paulistano*, entre os meses de setembro e outubro de 1917, periódico cujas especificidades estão dentre aquelas descritas por Marialva Barbosa como “imprensa de grande tiragem”. Esse último conceito proporciona uma abordagem histórica específica das transformações do jornalismo nesse âmbito da fabricação das notícias. Mas, ele pode ser utilizado de forma intercambiável com as ressalvas apresentadas por Tânia de Luca ao conceito de “grande imprensa”.

editoriais e gráficas. Os jornais ainda não possuíam a concepção de editorial, mas mudaram o teor das notícias e a forma de distribuição nas páginas com colunas fixas para informação que não mais se confundiam com o editorial. Na busca pela ampliação do número e diversificação do segmento de leitores, eram valorizadas as notícias policiais e o folhetim<sup>7</sup>.

Tânia de Luca (2008, p.157) identifica que a “grande imprensa” disputava um círculo diminuto de leitores, mas eram esses uma fonte de recursos, prestígio e legitimidade para as ideias defendidas nos seus exemplares. Portanto, as mercadorias especiais vendidas pelos jornais poderiam mobilizar e levar à ação política, por isso “deveria infundir confiança nos que percorriam suas páginas”. Conquanto que os jornais da “grande imprensa” se constituíam no “mundo dos negócios”, Luca esclarece que ainda eram um “espaço privilegiado de luta simbólica”, onde “diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo”<sup>8</sup>.

O periódico *Correio Paulistano (CP)* publicado entre 1854 e 1963 foi fundado por Azevedo Marques, ex-gestor da tipografia do órgão oficial do Partido Liberal, no início da sua administração priorizava a divulgação de atos oficiais, notícias do interior e de outras Províncias, não se vinculava a partido político, mas também não apresentava grandes discussões nas suas páginas.

De acordo com Ângela Thalassa (2007) na segunda metade do século XIX, o jornal *CP* se dividia entre os grupos liberais e conservadores, chegando a ser contratado para publicar atos da Assembleia Provincial. O fim desse período levou a uma crise financeira, aprofundada pela redução

---

<sup>7</sup>No final do século XIX, o folhetim designava o espaço geográfico no jornal no qual se publicava principalmente romances literários. Nelson Werneck Sodré (2011) caracteriza o período vivenciado pela “grande imprensa” entre o século XIX e XX como a transição da fase artesanal para industrial num contexto internacional de mudanças no que se refere à estrutura tecnológica (linotipo, prensas elétricas, máquina de datilografar) e no que tange ao caráter jornalístico, que se voltava para a publicidade e ao discurso da “imparcialidade” que substituiu gradativamente o formato anterior panfletário de projetos políticos (partidários ou não) na busca do aumento do público leitor e do número de anunciantes.

<sup>8</sup>Nas primeiras décadas do século XX, o jornalismo brasileiro possuía dois modelos, o londrino, representado pelo jornal *The Times* e o parisiense, exemplificado pelo *Temps. Dúnya* Azevedo (2007) identifica que nesse jornalismo internacional se inspiraram os periódicos brasileiros para utilizar o avanço das técnicas, como fundição mecânica de tipos metálicos e o surgimento das tituleiras, na renovação do design gráfico com produção de letras maiores e variáveis, proporcionando o destaque nos títulos, o aumento do número de chamadas de matérias desenvolvidas em uma página do miolo do jornal. O *CP* apresentava um dos mais sofisticados designs gráficos entre o final dos anos 10 e início dos anos 20. Isso pode ser verificado no título em caixa alta com estilo moderno, negrito, linhas com espaçamentos variados, títulos e subtítulos identificados, presença de imagens e coluna estilisticamente separadas.



do consumo de jornal. Diante desses problemas, o *CP* aderiu ao Partido Conservador e voltou a receber subvenção do governo, com o que pode retomar a impressão diária.

Assim, entre 1858 e 1882, houve uma reorganização do *CP*, contratação de uma equipe para o trabalho tipográfico e administrativo com abertura de escritório permanente para recebimento de anúncios. Em 1863 substituiu o prelo de pau movido à mão escrava pela Alauzet, primeira máquina de aço da imprensa paulista, uma impressora plana que imprimia ambos os lados das folhas automaticamente com a qual o *CP* sobe inicialmente sua tiragem anual de 450 para 850 exemplares.

Logo após a proclamação da República, o *CP* foi adquirido por um grupo de republicanos que o tornou órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP) até 1955.

A redação viveu talvez seus melhores momentos: Wenceslau de Queiroz era o primeiro secretário, auxiliado pelo cronista Paulo Prado, o folhetinista Ezequiel Freire e Américo de Campos Sobrinho. A presença de Paulo Prado no jornal, 32 anos antes da Semana de Arte Moderna, nos dá as primeiras pistas da ligação entre o *Correio Paulistano* e os artistas modernistas. A tiragem que permanecia em 850 exemplares, subiu para 1.800 até rapidamente chegar a 8.500 (THALASSA, 2007, p.38)<sup>9</sup>.

O *Correio Paulistano* foi exemplo das mudanças em curso na caminhada para o século XX e estava no pioneirismo da publicação diária em São Paulo com instalação de oficinas a vapor, edição das segundas-feiras, impressão em máquina rotativa, lançamento em grande formato, uso de clichês e contratação de fotógrafos. Além disso, foi o segundo a usar linotipos e o terceiro a completar um século em circulação no Brasil (THALASSA, 2007).

Em 1917 apresentava os seguintes preços convertidos em real: R\$5 para o número do dia, R\$10 ao número atrasado, assinatura anual era R\$1.20, semestral de R\$0.70, anual para o exterior de R\$3 e semestral de R\$1.75. A publicação possuía dez páginas, oito colunas, a última página era

---

<sup>9</sup>A autora analisa em sua pesquisa que a presença de Paulo Prado, representante da oligarquia paulista dos anos de 1920-1930, filho de Antonio da Silva Prado, “grande mecenas que possibilitou o evento modernista de 22”, foi um dos elos importantes que explica o desempenho do *CP* na cobertura jornalística da Semana de Arte Moderna, além da presença de Menotti del Picchia na redação do jornal desde os primeiros anos da década de 10. O *CP* foi o único jornal da grande imprensa paulista que acolheu o movimento modernista que mesmo sendo considerado posteriormente como um traço artístico da ascensão burguesa foi alvo de fortes críticas em jornais como *O Estado de São Paulo*, *A Gazeta*, *Jornal do Comércio* e *Folha da Noite*.



dedicada exclusivamente à publicidade (lojas, importadoras, costureiras, alfaiates, assinatura de revistas, remédios, fotógrafos, loterias e programação teatral). As primeiras páginas e suas respectivas colunas eram divididas entre os seguintes temas: Conjuntura Internacional (Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa), Política Nacional e Cultura<sup>10</sup>.

### **Os relatos da Revolução Russa na cobertura internacional do jornal *O Correio Paulistano* entre setembro e outubro de 1917**

Todd Chretien (2017, p.5) considera os seguintes os fatores que colocavam o Império Russo muito à frente de qualquer outro lugar do mundo no inverno de 1916-17: “a profundidade da crise social, econômica e militar na Rússia, somada à consciência política e organização da classe trabalhadora (em conjunto com as crescentes revoltas entre os soldados, camponeses, estudantes, e nacionalidades oprimidas)”.

Lars Lih (2017), historiador canadense, explica como a dissolução da dinastia Romanov deixou a Rússia sem uma autoridade soberana geral reconhecida, ou seja, sem um “*vlast*” que no sentido pleno em russo significa “controle pleno das forças armadas e possuidor de legitimidade, missão e base social”<sup>11</sup>.

As linhas de forças fundamentais de 1917 foram estabelecidas durante os eventos de 27 de fevereiro (calendário russo) porque neste dia houve o colapso do “*vlast* czarista histórico” e em seguida o Soviete de Petrogrado formado por intelectuais socialistas, representantes de fábricas e soldados lançou a Ordem Número Um. E esse ato atribuiu ao Soviete o controle sobre as Forças

---

<sup>10</sup>As conversões dos valores em moedas da época foram realizadas por calculadora disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 02/05/2021.

<sup>11</sup>As pesquisas de Lars Lih sempre trazem ricas e importantes notas de tradução e explicação histórica de termos e conceitos russos. Neste, explica que não podemos fazer uma tradução literal de “*vlast*” como “power” em inglês porque não atende completamente ao sentido de autoridade soberana caracterizada por ser possuidora do direito à decisão final, da capacidade de tomar decisões e verificações das suas implementações.

Armadas, a lealdade e confiança dos soldados pela defesa da democratização e formação de comitês de soldados<sup>12</sup>.

O Governo Provisório formado por uma elite de políticos liberais tentou exigir para si um “tipo de legitimidade para continuidade e transmissão legal do poder”, mas era uma “reação à criação do soviete”. Outra dificuldade era o desequilíbrio entre as classes da elite, o que as enfraquecia ainda mais quando confrontadas com o Soviete de Petrogrado na forma de um “ativo *vlast* soviético”. Contudo, o Governo Provisório recebeu apoio das lideranças socialistas moderadas do Soviete, cuja visão era de “manter os elementos mais progressistas da elite ao lado da revolução”<sup>13</sup>.

Na compreensão da dinâmica institucional urbana do novo governo russo, Lars Lih (2017) argumentou ter sido o conflito político de 1917 conduzido por uma “constituição tácita” onde a maioria dos sovietes possuíam a “palavra final” em termos de programa e pessoal. Nesta perspectiva, as variadas crises políticas de 1917 (março, abril, julho, agosto e outubro) foram superadas quando a autoridade do Soviete publicizava sua vontade porque ela possuía o verdadeiro controle da força coercitiva. Dessa forma, identificar como “poder dual” significa “múltiplo poder” equivalente a nenhum *vlast*, mas ele estava ativo e com os sovietes.

Dadas as circunstâncias, a verdadeira questão era: poderia o programa soviético ser realizado através de uma parceria sincera com os reformistas da elite; ou a distância

---

<sup>12</sup>O Soviete de Petrogrado implementou suas primeiras medidas em 1917 com a chamada “Ordem nº1” para ser executada pelos homens nas guardas, exército, artilharia e marinha e ao conhecimento dos operários de Petrogrado. Esse decreto estabelece que os representantes dos departamentos militares e das comitativas navais seriam eleitos a partir dos membros das unidades, subordina as ações políticas das unidades militares e das ordens da Comissão Militar da Duma do Estado ao Soviete, entrega a distribuição e o controle das armas aos comitês das companhias e batalhões. E garante aos soldados os direitos comuns aos cidadãos fora de serviço e de formação, com o cancelamento do cumprimento e das saudações obrigatórias. A Ordem nº1 subverte a hierarquia militar ao estabelecer o Soviete formado por uma representação eleita como a autoridade de comando e de controle dos armamentos, retirando a força militar do Governo Provisório e os privilégios dos oficiais. Além de romper com a imposição da disciplina militar na vida pública e privada dos soldados (FERRO, 1971).

<sup>13</sup>Lars Lih (2017) identifica que um “*vlast* efetivo” precisaria ao menos de: 1. Um senso de missão – que poderíamos chamar de legitimidade; 2. Uma exigência plausível de legitimidade e indutora de lealdade, uma legitimidade; 3. Um monopólio dos meios legítimos de coerção; 4. Habilidade para eliminar rivais; 5. Um programa de longo alcance para captar os problemas nacionais essenciais da ordem do dia; 6. Uma classe política ampla para cumprir o papel que a *dvorianstvo* (nobreza) cumpria no czarismo. 7. Um aparato administrativo capaz de transmitir a vontade do *vlast* central por todo o país. O “*vlast* soviético embrionário” estabelecido em fevereiro foi progressivamente adquirindo essas características, primeiro em 1917 e em seguida durante a guerra civil. Por outro lado, o Governo Provisório foi se tornando um “*vlast* fantasma” cujo momento final foi a perda do apoio dos líderes moderados dos sovietes.

entre elite e *naród* em questões tão fundamentais como a guerra, a questão agrária e a regulação econômica era grande demais para ser superada? Os Bolcheviques rotularam essa tentativa de parceria entre classes de *soglachátelstvo* – um termo, em geral, equivocadamente traduzido como “conciliação” ou (pior) “compromisso”, mas que pode ser traduzido de uma maneira muito mais direta como “acordismo”. Então, a questão anterior ao eleitorado soviético era: seria viável o acordismo? Sim, poderia ser melhor trabalhar com a elite do que contra ela, mas isso significa que deveríamos abrir mão dos objetivos da revolução? (LIH, 2017, p.7).

As respostas vindas do povo estavam em dois grandes grupos: os *ni-nis* (nem-nem), “nem Lênin, nem Kornilov” e sim o trabalho conjunto de “pessoas sensatas de ambos os lados” contra os *ili-ílis* (ou-ou): é preciso escolher entre representantes da elite e da constituinte dos sovietes, caso contrário haveria um *vlast* falido. E para evitar essa crise do *vlast* as alternativas eram: ou um governo apenas com os partidos dos sovietes, ou se elimina o sistema dos sovietes como uma força nos assuntos nacionais.

Para a segunda opção, duas estratégias foram experimentadas: o golpe duro e o golpe brando. A tentativa de golpe duro realizada pelo General Kornilov no final de agosto pode ser considerado como uma “aventura despropositada”, já que, a lealdade das forças armadas estavam com os sovietes. O golpe brando com estratégia diferenciada: criar outro *vlast* de força nacional, enquanto pedia aos sovietes para se retirarem voluntariamente, a exemplo dos experimentos à Conferência Democrática e o Pré-Parlamento, durante o outono. Enquanto isso, a Assembleia Constituinte tornava-se a prioridade da busca pelo golpe brando, isto é, de “induzir o poder soviético a se curvar com graça” (LIH, 2017, p.6).

O eleitorado soviético realizou sua decisão em setembro ao proporcionar novas maiorias nos sovietes de Moscou e Petersburgo legitimando seu apoio por um “governo totalmente soviético e antiacordista”, evidenciando ser esse a indicação do Segundo Congresso dos Sovietes. O dilema passou a se voltar para a capacidade de sustentação da constituição tácita e se a nova maioria soviética possuía capacidade de controle das políticas governamentais e seu pessoal. Lih (2017, p.6-7) concluiu que embora seja comum identificar a Revolução de Outubro com a época em que os sovietes derrubaram o Governo Provisório, sua compreensão desse momento é o inverso, o

Governo Provisório foi incapaz de derrubar os soviets. Enquanto isso os soviets também atribuíram a liderança política ao partido bolchevique, a única força política organizada disposta e capaz de garantir o poder soviético.

O *Correio Paulistano* em setembro começou com um telégrafo de Londres relatando uma entrevista de Kerensky em defesa do retorno da pena de morte para “restabelecimento da disciplina no exército”. E se justifica dizendo que “essa resolução muito me entristece e repugna minha consciência, porém desde que assim o exige a salvação da pátria, mandarei matar, sem hesitação, conservando o coração tranquilo”<sup>14</sup>.

“As mulheres ganham uma vitória na Rússia”, título de um dos cinco telégrafos do dia primeiro de setembro anuncia que o governo havia autorizado a “admissão de mulheres a todos os postos do funcionalismo público, nas mesmas condições em que neles se achavam os homens”.

O impacto da Primeira Guerra Mundial foi decisivo para aumentar o peso econômico e político das mulheres em todo o mundo. Na Rússia a guerra destruiu famílias e modificou a vida das mulheres, com ausência de milhões de homens pelo deslocamento ao front, ou mesmo feridos e mortos. As mulheres russas, por sua vez, passaram a trabalhar a terra sozinhas, chefiar os lares e

---

<sup>14</sup>A análise jornalística sobre os impactos da Revolução Russa no mundo demonstrou que a maior inquietação era a ameaça aos objetivos dos aliados na Primeira Guerra Mundial. Por isso, o Governo Provisório é apresentado como “responsável” e o Conselho de Operários e Soldados como promotores da “anarquia” no sentido de “desordem social”. Além dos rumores sobre conspirações golpistas, a reivindicação por independência em várias regiões era crescente e passava de “grave para desesperadora” a situação alimentar em Petrogrado diante do crescimento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Também se enfrentava o avanço da ocupação de terras pelos camponeses de forma “violenta e contundente” num processo de ruptura com os zemstvos, as organizações locais dos governos provisórios. As deserções nas fileiras do exército cresciam e se fortalecia a aproximação dos soldados aos bolcheviques. No mês de setembro, a guerra camponesa permanecia em ascensão, aldeãos saqueavam propriedades ao lado de soldados e desertores e cresciam destruições e roubos. Nas cidades, greves mobilizaram nas ruas, trabalhadores qualificados, os não qualificados, os de hospitais e os de escritórios. A Guarda Vermelha enfrentava as milícias governamentais, bandos famintos invadiam as casas em busca de comida, lojas de bebidas eram saqueadas, cresciam os assaltos e assassinatos. A Conferência Democrática foi aberta no dia 14 de setembro em Petrogrado e mesmo com uma maioria de moderados entre Socialistas Revolucionários e Mencheviques, a resolução dos Bolcheviques era de pressionar para um governo socialista consensual até o segundo dia da Conferência quando receberam duas cartas de Lênin, nas quais rompia com suas orientações conciliatórias. O líder exilado em terras finlandesas avaliava que após a conquista da maioria nos soviets de Petrogrado e Moscou, os bolcheviques poderiam e deveriam tomar o poder estatal. Lênin também acreditava que a agitação no exército e na sociedade alemã era uma demonstração de que as condições amadureciam na Europa para a revolução e a revolução na Rússia seria um grande impulso, além de que a possível ocupação alemã de Petrogrado ameaçava retirar a chance única dos bolcheviques (MIÉVILLE, 2017, p.240-242).

integrar a força de trabalho urbana. Elas eram 26,6% da força de trabalho em 1914 e quase metade (43,4%) em 1917, sendo que estavam empregadas na produção de linho, seda, algodão, lã, cerâmica, papel, além da metalurgia onde representavam 18% (TRUDELL, 2007)<sup>15</sup>.

Jane Mcdermid e Anna Hillyar (1999) ressaltaram como os processos da crise de subsistências associada ao fracasso militares impulsionaram as trabalhadoras russas à ultrapassarem as demandas econômicas e exigirem a queda do Czar. Os autores destacam a importância da organização e atuação das mulheres ao criticarem a versão da espontaneidade da greve iniciada por elas em 23 de fevereiro. E afirmam que as ações do Dia internacional das Mulheres foram planejadas com prévia organização e mobilização pela II Internacional. Acrescentam ainda o argumento de que a prioridade das operárias têxteis, líderes da greve, era conquistar o apoio e adesão dos demais trabalhadores com os slogans de “pão e paz” e não fazer saques em mercados, ou seja, as operárias agiam com objetivos definidos.

Após a Revolução de Fevereiro, os protestos das mulheres não desapareceram, passaram a fazer parte do processo político onde o apoio dos trabalhadores no interior do Soviete mudou da liderança socialista moderada da coalizão Mencheviques-Socialistas Revolucionários para os Bolcheviques em setembro.

As expectativas de trabalhadoras e trabalhadores de que suas vidas melhorariam com a queda do czar foram frustradas pelo governo e pela continuidade da guerra por parte da liderança do Soviete. Em maio, os protestos contra a guerra haviam forçado a dissolução do primeiro governo provisório e os líderes Mencheviques-SR haviam formado um governo de coalizão com os liberais – que ainda estavam dedicados à guerra. A desilusão dos trabalhadores levou a novas greves, novamente lideradas por mulheres. Cerca de quarenta mil trabalhadoras de serviços de lavanderia, membras de um sindicato liderado pela bolchevique Sofia Goncharaskaia, entraram em greve por melhor pagamento, jornada de oito horas e melhorias nas condições de trabalho: melhores condições de higiene no trabalho, benefícios de maternidade (era comum que as trabalhadoras escondessem a gravidez até darem à luz no chão da fábrica) e fim ao assédio sexual (TRUDELL, 2007, p.4).

---

<sup>15</sup>“As mulheres foram parte integrante da Revolução de 1917, participantes corajosas, cujo engajamento foi ainda mais significativo se considerarmos a opressão arraigada que essas mulheres rejeitaram. Ver a revolução através dos seus olhos dá uma leitura mais rica daquele que permanece sendo o momento histórico mais transformador para a vida das mulheres” (TRUDELL, 2017, p.3).

O Governo Provisório retribuiu o apoio do movimento feminista burguês e implantou medidas favoráveis: em junho as mulheres graduadas em Direito receberam o direito de advogar e em agosto os salários, títulos e benefícios dos cargos no serviço civil são equiparados entre homens e mulheres cuja presença no magistério cresceu bastante. A Conferência Especial sobre a Lei para a Assembleia Constituinte delegou o sufrágio para todos os cidadãos maiores de 20 anos, incluindo as mulheres (SILVA, 2018).

É evidenciado a atuação dos bolcheviques como o grupo político no pós-fevereiro de 1917 quem primeiro reconheceu o potencial revolucionário das mulheres trabalhadoras e esposas de soldados, buscou compreender suas necessidades e liderou as alianças com elas para realizar os acontecimentos revolucionários posteriores. Dessa forma, as mulheres bolcheviques se destacaram na organização e propaganda ao lado das trabalhadoras urbanas (STITES, 1978)<sup>16</sup>.

O *CP* no mês de setembro do ano de 1917 apresenta na sua primeira quinzena temáticas que enquadram um cenário de reorganização do governo, com a retomada do controle do exército a partir de medidas mais rigorosas e a rendição de Kornilov. Num outro telégrafo, Keresnky declarava que não havia negociação com Kornilov e que organizava um novo ministério com maioria socialista.

Tem-se dado, nestes últimos dias, numerosas deserções entre as tropas do general Kornilov. O movimento vai se detendo, pela própria desunião que se manifesta, cada vez mais grave, entre os conjurados. Alguns dos inculcados chefes da conspiração tem chegado a esta capital, pedindo autorização para prender os líderes

---

<sup>16</sup>Os bolcheviques argumentavam que somente o socialismo poderia resolver a contradição entre trabalho e família. Sob o socialismo, o trabalho doméstico seria transferido para a esfera pública: as tarefas realizadas individualmente por milhões de mulheres não pagas em suas casas seriam assumidas por trabalhadores assalariados em refeitórios, lavanderias e creches comunitários. Só assim as mulheres se veriam livres para ingressar na esfera pública em condições de igualdade com os homens, desvincilhadas das tarefas de casa. As mulheres seriam educadas e pagas igualitariamente, e seriam capazes de buscar seu próprio desenvolvimento e seus objetivos pessoais. Sob tais circunstâncias, o casamento se tornaria supérfluo. Homens e mulheres se uniriam e se separariam como quisessem, desassociados das pressões deformadoras da dependência econômica e da necessidade. A união livre substituiria gradualmente o casamento à medida que o Estado deixasse de interferir na união entre os sexos. Os pais, independentemente de seu estado civil, tomariam conta de seus filhos com a ajuda do Estado; o próprio conceito de ilegitimidade se tornaria obsoleto. A família, arrancada de suas funções sociais prévias, definharia gradualmente, deixando em seu lugar indivíduos completamente autônomos e iguais, livres para escolher seus parceiros com base no amor e no respeito mútuos (GOLDMAN, 2017, p.18). Nesse pensamento estava a base na qual foram elaboradas as medidas de carácter democrático destinadas a impulsionar a libertação da mulher trabalhadora dentre elas: os Decretos sobre o matrimônio civil e o divórcio (dezembro de 1917), o Código de Leis sobre o estado civil e as relações domésticas, o matrimônio, a família e a tutela (setembro de 1918) e o Decreto sobre a legalização do aborto (10 de novembro de 1920).

militares que atraçoaram o governo. Este continua a tomar enérgicas medidas para a defesa da cidade, e espera evitar o derramamento de sangue. De todas as províncias chegam notícias afirmando a sua fidelidade. O sr. Skobiev publicou uma proclamação aos operários, lacerando-os a apoiar o governo e declarando que o ministério já iniciou o processo legal contra o general Kornilov. A população mantém-se calma (CORREIO PAULISTANO, 14 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

No quinto dia de setembro há um telégrafo intitulado “Os Maximalistas são pagos pela Alemanha”, esclarece que o “partido maximalista é instrumento da Alemanha, da qual recebe o dinheiro” e “Lenine, um dos seus chefes e principais culpados da decomposição da Rússia e debacle de seu exército”. É possível identificar que o enquadramento dos bolcheviques como aliados alemães é uma forma de desqualificação das suas ações políticas.

Os sete primeiros telégrafos de 14 de setembro destacavam a liderança e resoluções de Kerensky, como primeiro-ministro e comandante em chefe do exército, e suas declarações de unidade política em torno do governo provisório, “exprimindo a sua fé completa no exército e na marinha, que saberão defender as liberdades já conquistadas e expulsar o inimigo do território nacional”. Nesse processo de reorganização é anunciado que os “Estados Unidos vão auxiliar a Rússia na reconstrução das suas estradas de ferro”, por ser uma das “principais dificuldades”, para o prosseguimento da guerra (CORREIO PAULISTANO, 14 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

Logo após a divulgação do apoio dos Estados Unidos é anunciado no *Correio Paulistano* de 14 de setembro de 1917 que “o batalhão feminino apoiará o governo russo, apesar de “simpatias pelo general Kornilov”, porque havia uma “convicção geral de que a Rússia necessita de uma forte e audaciosa personalidade para governar”. É possível identificar como estava em disputa o apoio dos grupos femininos, alguns deles inicialmente se alistaram para participação na Primeira Guerra Mundial ainda no governo czarista e seguiram nas frentes militares no governo provisório e permaneceram ao lado de Kerensky quando da Revolução de Outubro.

A segunda metade do mês começa no dia 15 de setembro com telégrafos cujos títulos demonstravam que o governo provisório estava no esforço de controlar a situação de crise política:



“O governo russo quer dominar o espírito da anarquia”, “O Sr. Kerensky lança uma proclamação”, “O Batalhão Feminino e a Revolução” e “A Revolução Russa não alterará as operações na linha de frente”.

O sr. Kerensky concedeu ao jornalista Shepherd, correspondente da United Press nesta capital, uma entrevista na qual declarou o seguinte: “Posso felizmente informá-lo que o general Kornilov se está preparando para entregar-se às forças do general Alexiev e do coronel Verchovski, que formando uma brilhante combinação estratégica, cercaram quase por completo as tropas do general rebelde, e, ao mesmo tempo, asseguraram ao governo a solidariedade do exército. Quanto à ação do comitê dos soldados, ficou resolvido, em sessão do conselho de ministros, que doravante eles terão somente interferência nos negócios internos dos regimentos a que pertençam, para manter a sua organização com caráter acentuadamente democrático, como convém ao exército de um país livre. Ficarão, porém, absolutamente estranhos às questões da estratégia e do alto comando (CORREIO PAULISTANO, 15 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

As declarações de Kerensky à agência norte-americana procuram garantir o controle sob o exército e sua sobreposição militar à ação do Comitê dos Soldados com objetivo de centralizar as decisões e fortalecer a autoridade do governo. Pois, segundo as afirmações do ministro Terestchenko, “todas as energias nacionais devem concentrar-se no prosseguimento da guerra, sem tréguas e sem vacilações, contra os impérios centrais”. E “somente uma mão de ferro como de Kerensky poderá levar a bom cabo semelhante empresa”. Segue o ministro ressaltando o desejo dos russos de que “os Estados Unidos compreendam a nossa crise e reconheçam que todo o governo daqui considera os pruridos da propaganda da política radical conservadora”.

Estamos dispostos a usar da mais inflexível severidade para com todos os que tentarem distrair o país dessa missão sagrada. Aplicaremos a pena de morte a toda e qualquer pessoa que se atreva a erguer o dedo sequer contra o governo e discutir as ordens superiores. Agora nada mais se desfaz senão lutar. Demais, os problemas da revolução ficarão adiados para mais tarde, depois da vitória (CORREIO PAULISTANO, 15 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

A prioridade política do governo é o fortalecimento político com a retomada do controle do exército priorizando a permanência na guerra ao lado dos interesses dos aliados, especialmente o apoio dos Estados Unidos nesse cenário internacional. Nesse momento, enquanto os chamados

“problemas da revolução” aguardam o fim vitorioso da guerra, Kerensky permanece divulgando proclamações ao exército no esforço de fortalecimento do seu poder e ameaçando “qualquer desobediência, por menor que seja, que parte de um general ou soldado, será castigada inflexivelmente” (CORREIO PAULISTANO, 15 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

O terceiro telégrafo da primeira página de 15 de setembro de 1917 destaca a participação do batalhão feminino ao lado do governo com “inestimáveis serviços”, comunicando que “a senhorita Michaelov, segunda comandante do batalhão, desmentiu, indignada, os boatos de que elas e suas companheiras fossem partidárias do general Kornilov”, sendo um dos “batalhões mais leais e patrióticos com um efetivo de mil e cem mulheres”. Conforme já observamos, há grupos de mulheres que participavam das fileiras do exército e apoiaram Kerensky até sua queda em outubro.

Os demais nove telégrafos ainda no dia 15 de setembro apresentam títulos que indicam a retomada de controle da situação militar e o caminho da normalização tentando garantir a permanência na guerra, como se verifica em: “Os soldados do general Kornilov desertam”, informando que “conhecendo eles agora os verdadeiros intuítos do seu comandante, estão desertando em grande número” e generais haviam sido “presos pelos seus próprios soldados ou a mando do governo”.

Após comunicar o restabelecimento das comunicações das estradas de ferro e a prisão de um dos membros do Conselho dos Operários e Soldados, o general Kaledine, retoma-se as declarações de garantia que a Revolução Russa não alterará as operações na linha de frente. O general Savinkov declarou que “o governo provisório está solidamente apoiado pela opinião pública” e o “movimento dirigido pelo general Kornilov fracassou e só serviu para fortalecer o governo”, o qual afasta “aos maus elementos, e, entre eles os generais desleais e suspeitos de revolucionários”.

É transmitida uma linha de perigo que associa o Conselho dos Operários e Soldados com a liderança de Kornilov, logo, ambos podem ser uma ameaça aos interesses políticos e militares do governo, autor de declarações divulgadas como em nome de “nós russos” e enquadradas em títulos cuja moldura caracteriza como “anarquia” as “ameaças” ao comando de Kerensky.

A terceira página, ainda em 15 de setembro, publicou uma matéria do jornalista húngaro, Max Nordau, com o título “A Rússia e a Alemanha” onde qualifica a Revolução Russa como um dos “maiores acontecimentos da história universal, o único fruto positivo, até agora, da guerra mundial e significa um progresso imenso da humanidade”, apesar de exercer sobre a guerra uma “imprevista influência desorganizadora”. O autor ao comparar a Revolução Francesa com a situação russa, avalia que nessa última não havia um ideal, “mas um propósito concreto, prático; não lutam por abstrações, como a liberdade dos direitos dos homens, a soberania nacional, mas pela posse da terra dos grandes proprietários e das fábricas”. Assim, os russos têm interesse material imediato enquanto a “guerra é-lhes indiferente”, “reclamam a paz em alta grita e mascaram o seu egoísmo com grandes frases de humanitarismo”.

Dessa forma, os aliados compreendiam que “a tendência que tem o movimento democrático russo” é de uma “degeneração em anarquia e espoliação dos proprietários”, “golpe terrível” que precisava ser contido.

Se homens probos, intrépidos e inteligentes não chegam a deter os sonhadores e os loucos moscovitas no declive em que resvalam para o abismo, no futuro os aliados não poderão contar senão com as suas próprias forças e terão que preparar-se para aguentar sozinhos o choque esmagador de todos os exércitos alemães e austríacos. (CORREIO PAULISTANO, 15 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

Nordau responsabiliza a Rússia pela entrada da França na guerra, cobrando a sua posição ao lado dos aliados, caso contrário, seria uma “ingratidão tão monstruosa que a França vacila em crer que possa ser vítima de sua própria lealdade” e “afasta dos seus olhos a visão terrível e evoca uma ilusão consoladora de uma revolução na Alemanha, que desarmaria esta, como desarmou a Rússia”.

O jornalista húngaro avalia que mesmo o apelo dos socialistas russos e do governo dos Estados Unidos nem a classe operária ou a nação atenderia a esses convites aos alemães para desencadear uma Revolução porque “para um movimento desta ordem seria necessária uma transformação total da mentalidade alemã e não vejo que influência espiritual e moral poderia determiná-la”.

Mais uma vez o enquadramento da Revolução é de que deve garantir a lealdade da Rússia na guerra ao lado dos países aliados. Acrescenta-se aqui que a comparação com os franceses serve para desqualificar os movimentos sociais russos como desprovidos de ideais e grandes líderes inspiradores, segundo Nordau “não se vê surgir nenhum Danton, nenhum Robespierre que domine a multidão apaixonada, mas amorfa, que lhe imponha uma vontade, uma ideia, um plano”.

O *Correio Paulistano* de 16 de setembro de 1917 apresenta nove telégrafos sobre a Rússia com títulos que apresentam um enquadramento de uma situação já mais difícil da posição de Kerensky com o acirramento da instabilidade, já que os “anarquistas ganham terreno na Rússia” com “os anarquistas do Bolchevique conseguiram ganhar maioria no Conselho dos Deputados de Petrogrado”, aprovando “por 270 votos contra 150, uma resolução pedindo a proclamação da república democrática, e declarando a abolição da propriedade particular”.

No dia 17 de setembro se destaca entre os subtítulos o seguinte: “Foi proclamada a República na Rússia”, informando que o governo provisório havia publicado um manifesto para instalação do novo regime. No segundo telégrafo transmitia a disponibilidade de Kerensky em “prosseguir na guerra, de acordo com os aliados”, “empenhado para não se fazer a paz separada com os impérios centrais”. Os telégrafos terminam salientando que o novo ministério ainda estava em processo de formação.

Na metade de setembro foram crescentes os conflitos dos soldados com seus superiores com “tiroteios e granadas jogadas pelas janelas durante as reuniões dos oficiais”, havia “animosidade e hostilidade aberta” e o “fato mais insignificante poderia provocar tumultos”. O problema central era que o “exército recebeu instruções do governo para continuar a executar as ordens operacionais dadas por Kornilov”. E essa foi a fase de decadência do governo de Kerensky.

Nas últimas semanas de setembro, a unidade política contra Kornilov já se mostrava desgastada, o primeiro telégrafo de 20 de setembro estampava no título: “Vão ser presos os agitadores Lênin e Zinoviev” que, segundo se acredita, estão refugiados na Finlândia. Segue nas últimas linhas informando que “o comitê do Soviete em Kronstadt, pediu a liberdade sem

formalidades do julgamento, dos soldados presos em consequência das revoltas ocorridas em julho último”.

Após informar que os marujos do Báltico queriam apoiar o governo moscovita em troca de autonomia na sua organização militar, um terceiro telégrafo ainda no dia 20 de setembro colocava em destaque “As impaciências das democracias”, dizendo que “o comitê executivo do Soviete apelou para os soldados, a fim de que estes se contenham na prática dos linchamentos, admitindo, no entanto, que as democracias, no seu início, têm sempre impaciências que ultrapassam os limites legais”.

Verifica-se que a contestação ao governo de Kerensky começa a ser enquadrada com grupos que buscam apenas a instabilidade, daí a caracterização de “agitadores” para Lênin e Zinoviev, ao mesmo tempo em que não há clareza ainda da posição do Soviete, na medida em que se justifica os conflitos como “impaciência das democracias” nos seus processos iniciais.

Seguem os telégrafos num clima de diversos grupos de contestação ao governo. Por exemplo, em outro telégrafo, “sabe-se que o general Kaledine continua agitando as tropas que se encontram a caminho de Petrogrado” e “os agentes agitadores germanófilos espalham boatos alarmantes relativos à situação”. E “foram presos vários marujos assassinos”, marinheiros que “tomaram parte no recente massacre de oficiais, a bordo do couraçado Petropawlosk”.

E as notícias no dia 20 de setembro terminam informando que “o embaixador dos Estados Unidos nesta capital prometeu ao governo a execução imediata do programa idealizado pelo Sr. Stevens para a reorganização dos transportes”, cuja eficiência da linha transiberiana aumentará 30 por cento. A parceria político-militar com os Estados Unidos permanece com proximidade e investimentos financeiros.

A primeira página do *CP* em 22 de setembro anuncia “Os russos estão agitados”, em Odessa, “a comissão local do Soviete autorizou a realização de uma imponente demonstração revolucionária, feita pelas tropas e associações operárias” e “desfilaram, durante três horas, desfraldando bandeiras e dando vivas ao governo e à república, e morras ao general Kornilov”.

O mesmo telégrafo garante que “a situação militar russa é atualmente mais favorável”, “toda a Rússia está firmemente resolvida a não negociar a paz separadamente dos aliados”. Havia agitação política, muitas em função das “intrigas dos alemães, perturbadoras e desviantes do critério do povo russo”, mas o importante era que a situação militar era favorável à posição na guerra com os aliados, isso se devia a “abnegação dos oficiais russos” em manter o “exército suficiente para reter as divisões alemães que se acham na frente moscovita”.

Em 28 de setembro de 1917 “continua a anarquia militar na Rússia” com “os comitês militares da frente russo-romãica junto ao Soviete de Kiev negaram-se a entregar os generais Danikin, Markov e outros à comissão investigativa da rebelião do general Kornilov, alegando que os mesmos devem ser julgados pelos tribunais militares revolucionários”.

O tema “anarquia” caracteriza qualquer forma de acontecimentos em oposição ao Governo de Kerensky, seja por parte dos bolcheviques, sovietes ou grupos pró-Kornilov.

As denúncias de espionagem alemã continuam em 29 de setembro, “foram presos 17 suecos, que faziam parte de uma grande corporação de espões”, o segundo telégrafo diz ser “gravíssima a situação da Rússia”, afirmação do sr. Tchidze, ao abrir o Congresso Democrático com “1.300 delegados, de todos os membros do governo e do corpo diplomático”, em defesa de um “governo revolucionário responsável”.

O discurso de Kerensky no Congresso Democrático foi “aplaudido pelos diversos grupos políticos, menos pelos radicais” e “quando aludia ao fato dos delegados dos soldados e operários de Helsingfors se terem recusado opor-se à reabertura da Dieta, apesar da defesa do governo, os bolcheviquistas aplaudiram tal recusa, rugindo de raiva contra o sr. Kerensky”. Então este disse: ‘Aplaudam, meus amigos, mas lembrai-vos que a frota alemã se dirige para o Báltico!’. E os delegados da direita “perguntaram então ironicamente aos bolcheviquistas porque não aplaudiam as últimas palavras do sr. Kerensky, uma vez que os alemães eram seus amigos”. Os bolcheviques enquadrados como “raivosos”, opositores do Parlamento, logo da Democracia e mais uma vez de “espões”, próximo ao sentido de “traidores” (CORREIO PAULISTANO, 29 set. 1917, p. 1, Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital).

No mês de setembro foi publicado durante 10 dias o total de 42 telégrafos, todos na primeira página, a exceção de um artigo, “A Rússia e a Alemanha”, que estava na terceira página. O enquadramento desse mês era da capacidade do governo russo “dominar o espírito da anarquia”, apesar da “situação gravíssima”, os “agitadores” e o grupo de Kornilov eram presos enquanto Kerensky recorria ao exército para “defender o regime republicano”.

O *Correio Paulistano* em sua primeira edição de outubro transcreve uma declaração de Kerensky na “Assembleia Democrática” explicando a sua posição perante a “rebelião chefiada pelo general Kornilov”: “fiz tudo quanto foi possível para evitar esse triste fato”, mas a “ousadia do general Kornilov chegou a ponto de enviar um, atrás de outro, ultimato, ao governo, intimando-o a pôr em prática, para reorganizar o exército, medidas diferentes daquelas que havia combinado”.

Também em primeiro de outubro, há o subtítulo “Os maximalistas protegem Lênin” esclarecendo que o governo provisório respondeu a respeito da reivindicação maximalista sobre a inviolabilidade do “agitador Lênin”, que “não mandaria prendê-lo dentro do recinto do Congresso, porém estava decidido a detê-lo onde fosse encontrado fora dali”. Por isso, “os maximalistas resolveram então não fazer sair Lênin do lugar onde se encontra oculto”<sup>17</sup>.

As lideranças bolcheviques aparecem novamente num telégrafo com o título “Vão ser presos espões na Rússia”: “o sr. Alexandre Kerensky, chefe do governo, ordenou a prisão dos espões Lênin e Zinoviev, que se sabe acharem-se na Rússia”.

No mês de outubro, as páginas do *CP* começaram evidenciando o acirramento das perseguições aos bolcheviques, desde julho acusados de membros da espionagem alemã, sendo Lênin já identificado como grande alvo do governo, reconhecido por sua proeminência política dentre as lideranças do seu partido.

---

<sup>17</sup>Frederico Bartz (2016, p.236) indica o surgimento do termo “maximalista” em novembro de 1917 na imprensa operária e considera sua presença constante até os primeiros anos da década de 1920 enquanto uma tradução portuguesa do termo bolchevismo. Nessa análise, o surgimento do maximalismo possibilitou o debate em torno de um novo tipo de Revolução Social e o desenvolvimento de interpretações particulares pelos militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários baseadas nas informações que vinham da Europa. No que tange ao uso do termo nos jornais de “grande tiragem” também está associado a uma tentativa de tradução para bolchevismo que em muitos usos destinava-se inclusive a qualificar atitudes políticas mais radicais para o início do século XX como a defesa ou “concordância” dos direitos trabalhistas como a jornada de oito horas e a semana de seis dias (BANDEIRA, 2017, p.378-379).



Os primeiros telégrafos de outubro no *CP* concluem afirmando que “A conferência democrática não terá resultado” e uma avaliação resultante de notícias de jornais russos, “a imprensa mostra-se acentuadamente pessimista”: o *Volya Naroda* é de “opinião que a conferência dará ocasião a violentas disputas entre os dois campos opostos da democracia, não havendo esperanças de acordo”, o *Recht* diz que “nenhum espírito razoável pode acreditar seriamente que a conferência seja capaz de melhorar a terrível situação do país” e a *Gazeta da Bolsa* “prevê que a luta será calorosa entre os grupos adversários, esperando, porém, que por mim prevaleçam as tendências conciliadoras”.

A “onda” de crimes em Petrogrado permanecia crescendo em outubro, o *CP* de primeiro de outubro noticiava: “um homem e seus três filhos foram encontrados brutalmente assassinados no apartamento em que moravam no mesmo edifício do escritório de uma patrulha de segurança criada pela Duma Municipal”. A imprensa liberal russa e as autoridades tentavam identificar os bolcheviques como responsáveis pela violência.

No quarto dia de outubro é informado pelo *CP* que uma agência oficial, autorizada pelos governos aliados, esclarecia não haver entres eles o interesse de fazer a paz com os Impérios Centrais à custa da Rússia, apesar da “situação anárquica que atravessa a Rússia”. Posteriormente, os últimos telégrafos informam que “os empregados das principais estradas de ferro do país ameaçam declarar-se em greve amanhã”, “na última sessão do Congresso Democrático, a assembleia aprovou a resolução contrária à formação de um governo de coligação e recusou a introdução no governo de elementos burgueses, particularmente as pessoas implicadas na revolta do general Kornilov e os cadetes”.

Os conflitos internos no governo provisório se acirraram desde julho, e nesse contexto, os grupos de esquerda começam a definir suas posições em relação ao governo de Kerensky e suas estratégias de lutas políticas.

Na edição de oito de outubro, o primeiro telégrafo aborda notícias sobre a deserção no exército e destaca “a indisciplina russa não tem limites” com “oito mil soldados que se recusaram a partir para a linha de frente”, mas foram rendidos pelos cossacos. Logo em seguida, o título, “Os

traidores da Rússia”, identifica possíveis agentes alemães nos “palácios, quartéis e estado-maior” desde antes da guerra e quando “rebentou a revolução, a Alemanha encheu a Rússia de agentes, que se diziam revolucionários, os quais são em grande parte responsáveis pela anarquia, que invadiu o país”. Mas, o sr. Kerensky esforça-se “heroicamente para reparar os erros cometidos nos primeiros tempos do regime atual e para libertar a Rússia dos espões alemães”. A liderança de Kerensky é qualificada como detentora da capacidade de controlar as deserções militares, corrigir rumos políticos e proteger os russos dos alemães.

A realização de uma conferência entre os membros do governo russo foi noticiada em 9 de outubro numa nuance de conciliação política, “uma delegação do congresso democrático e representantes da burguesia chegaram a um acordo completo a respeito de todas as questões”. Kerensky declarou que “tenciona formar imediatamente, em completo acordo com os seus colegas, o gabinete de ministros”.

No prosseguimento de informações sobre a espionagem alemã assegura-se que há documentos vindos dos Estados Unidos como provas de que “alguns membros da missão russa serviam aos espões austríacos e alemães, até para os seus serviços particulares”. Porém, “o sr. Kerensky, conhece minuciosamente todo esse capítulo de alta espionagem, que custou à Rússia centenas e milhares de vidas e combate ardentemente a hidra germânica, disposto a ir até o fim”. O antigermanismo cresceu e se fortaleceu ao longo do segundo semestre como instrumento de acusação de adversários ou de valorização da atuação do governo de Kerensky.

As notícias do dia 10 de outubro destacam a ocorrência de greves: “Agrava-se a greve dos ferroviários russos”, “Os salários dos ferroviários russos” e “Greve em Baku”. Os grevistas ferroviários de Petrogrado após pararem os trens, ameaçavam interromper o deslocamento dos soldados à linha de frente, receberam moção de solidariedade do congresso geral dos ferroviários de Moscou, e pelo telégrafo seguinte, “o governo concedeu o aumento do salário que pediram”. A onda de greves chegou em Baku “a conferência dos delegados dos operários dos poços de petróleo decidiu que a classe se declare amanhã em greve geral”.

Kornilov volta ao conteúdo dos telégrafos como que “inocentado como traidor” porque a “comissão investigadora da rebelião está inclinada a acreditar em que o antigo generalíssimo dos exércitos russos não agiu com intuito de trair a pátria, ou causar prejuízos, devendo ser assim abandonada a denominação de alta traição que se deu ao delito”.

No dezoito de outubro, na primeira página do *Correio Paulistano*, um texto sobre “Alemães e russos” ressalta que a “anarquia em Rússia se debate e parece incurável”, somado a indisciplina num exército desequipado, “promete aos alemães o êxito no oriente” e se “a guerra localiza-se definitivamente no ocidente promoverá desvantagens aos aliados”.

Logo em seguida, um telégrafo já traz outro enquadramento, “O exército russo é capaz de deter o avanço alemão” segundo uma declaração do general Dukhain, chefe do estado-maior geral que enviou uma nota aos jornais, “protestando energicamente contra a afirmação de que o exército russo é incapaz de deter os alemães que se aproximam do coração da Rússia”. O governo de Kerensky investe em constantes declarações à imprensa para transmitir um clima de confiabilidade e capacidade de resistência.

Também é divulgada a greve de mais uma categoria: os farmacêuticos e práticos de farmácia declararam-se em greve, por terem os respectivos patrões negado a atender as suas pretensões quanto ao aumento do ordenado e diminuições das horas de trabalho. E seguidamente retoma-se o tema da “anarquia” reinante na Rússia, “telegramas de Petrogrado anunciam que em diversas localidades da Rússia, especialmente em Kharkov e Tambov, ocorreram sérias desordens, tendo a população atacado os bairros israelitas, massacrando inúmeras mulheres, crianças e anciãos”. E anunciam que, “nas províncias do centro da Rússia, ocorreram graves distúrbios, em virtude da escassez de víveres, tendo os camponeses atacado e saqueado os bancos e estabelecimentos comerciais”. A garantia do governo é de que “foram enviadas tropas, a fim de dominar a anarquia”.

“A Rússia não entra no bom caminho” é o título do primeiro telégrafo de 19 de outubro de 1917, “noticiam os jornais de Petrogrado que ocorreram novas desordens em outras localidades e a população assaltou e saqueou várias casas de negócios e particulares, praticando depredações e selvagerias”. Ao final, “as autoridades militares conseguiram sufocar o movimento”.

Verifica-se dessa abordagem da notícia que as greves seriam um “mau caminho” para os russos, pois promovedoras de “desordens” resultam em atos destrutivos e selvagens exigindo uma reação forte do governo. Essa é a moldura do enquadramento se delineando no processo de acirramento dos conflitos que resultaram nas rupturas profundas com a insurreição armada liderada pelos bolcheviques.

Os dois últimos telégrafos de 19 de outubro informam que os grevistas de Baku voltaram ao trabalho, enquanto os boticários e práticos de farmácia de Petrogrado declararam-se em greve. Na página seis de 20 de outubro, os telégrafos estão entre dar garantias das condições de reação do exército russo e do decréscimo da “anarquia”, como se verifica em “o Sr. Alexandre Kerensky, chefe do governo provisório, declara que a situação militar e também a moral do exército russo estão melhorando” e “o ministro Nikita, disse que as informações recebidas nos últimos dias permitiram afirmar que a anarquia está decrescendo”.

No Brasil, os jornais estavam informando sobre a realização de eleições para uma Assembleia Constituinte, “vão muito animados os preparativos de todos os partidos para a campanha eleitoral”, inclusive o conselho dos camponeses resolveu aliar-se ao núcleo socialista revolucionário, embora os seus delegados “mostram tendências de cindirem-se, indo uns até ao extremo de criticar as decisões e providências da comissão diretora”.

No final de outubro ainda havia a esperança na convocação de uma Assembleia Constituinte que desde a queda da Dinastia Romanov se apresentava como uma alternativa para a saída da instabilidade política. O “grande desastre na Rússia” em vinte de outubro era uma “terrível colisão de trem na estada de ferro de Moscou a Petrogrado, entre o expresso de Sebastopol e um comboio militar com 16 mortos e 30 feridos”.

E mais dois telégrafos eram positivos quanto às posições russas na guerra informando que “os russos avançam na estrada de ferro de Riga sem encontrar o inimigo” e no “Cáucaso, depois de viva caça aos turcos, ao vale de Marivan, os nossos reconhecimentos avançaram até a margem do lado Zerihar”.

Devido à diferença de 13 dias entre o calendário russo e brasileiro, a veiculação dessas notícias dos últimos acontecimentos da segunda quinzena de outubro virá nas páginas dos jornais do mês de novembro.

No mês de outubro foram publicados em dez dias o total de 43 telégrafos mais dois artigos jornalísticos, dentre eles apenas 10 não estavam localizados na primeira página. O enquadramento das notícias criava um cenário onde a crise política na Rússia era resultante das constantes ações grevistas lideradas pelos “maximalistas” que protegiam Lênin e incentivavam a indisciplina no exército e as desordens nas ruas enquanto Kerensky era o “herói” que tentava libertar a Rússia dos espiões alemães.

Murphy (2007, p.60-61) sublinha o apoio da “esmagadora maioria dos trabalhadores e soldados” à tomada soviética do poder, sendo um processo intensamente defendido pelos bolcheviques entre setembro e outubro de 1917 o que os levaram a ganhar este argumento com 507 dos 670 votos no Congresso dos Sovietes. De acordo com o historiador norte-americano há duas características diferenciadoras da Revolução Russa de 1917 de rebeliões de outros trabalhadores do século XX: primeiro, o nível de ódio de classe na Rússia foi mais pronunciado do que em nenhuma outra sociedade. Isto significa que a crise no final do verão russo foi muito além de um simples resultado das decisões incompetentes do governo provisório. De outro modo, a “escalada do conflito de classe” foi a culminância de anos de confronto, lucros de guerra, repressão brutal e rebelião operária que só poderia ter terminado em uma regra forte de uma classe sobre a outra. A segunda característica distintiva de 1917 foi a existência, em momento decisivo do movimento, de um partido político com influência significativa na classe trabalhadora propondo um governo operário e intransigência contra o capitalismo. Os socialistas eram a força política dominante nas fábricas na década anterior a 1917 e através dessa influência definiu os parâmetros do debate. Mas, a distinção entre os diferentes programas socialistas pelos trabalhadores apenas começou na “atmosfera politicamente carregada do final de setembro” quando a defesa dos bolcheviques do governo soviético ofereceu uma solução que parecia mais sensata à realidade de uma “guerra de classes sem precedentes”.

## Conclusão

Nas páginas analisadas das edições do Correio Paulistano entre setembro e outubro de 1917, após uma leitura flutuante das notícias foram identificadas 13 categorias temáticas através dos recursos utilizados pelo software NVivo<sup>18</sup>. O conteúdo jornalístico sobre a Revolução Russa estava localizado geralmente na primeira página numa coluna intitulada “Teatro Oriental da Guerra”, em sua maioria num formato de “prototwitter” nos padrões dos telégrafos enviados pela *Havas*, agência fornecedora de notícia ao mercado brasileiro.

Também é possível identificar algumas matérias jornalísticas na coluna acima citada ou na lateral esquerda introduzindo a leitura do jornal. A presença desse tipo de texto acompanha o crescimento da instabilidade política na Rússia e os riscos de derrota para os alemães, sempre numa perspectiva favorável aos países aliados na guerra.

No ano de 1917 ainda não era recorrente a publicação do nome das agências de notícias ao lado dos telégrafos. O tema da “anarquia” surgiu com o intuito de apontar para a necessidade de evitá-la ao defender a sociedades daqueles que seguiam pelo caminho da “desordem”, afirmando que “os anarquistas exaltados estão em minoria”, identificando-os como aqueles participantes de greves, rebeliões, associados aos bolcheviques e maximalistas.

As organizações políticas que envolvem os soldados, camponeses e operários foram identificadas por alguns nomes como: Comitês de Operários e Soldados, Conselho de Operários e Soldados e Sovietes, que foram escolhidas como subtemas. As notícias demonstravam desconfiança e necessidade de controle quanto à atuação das citadas organizações, pois elas estavam associadas aos soviets e seu fortalecimento poderia enfraquecer o governo provisório.

Lênin começa a surgir de forma mais intensa nas notícias no contexto do aprofundamento das crises sociais e da disputa política e passa a ser qualificado como “espião alemão”, “agitador”,

---

<sup>18</sup>Os temas categorizados na análise de conteúdo foram: Anarquia, Antigermanismo, Bolcheviques, Governo Provisório, Greves, Jornais, Kerensky, Lênin, Maximalismo, Mulheres, Organizações Políticas de Soldados e Camponeses, Primeira Guerra Mundial, Revolução.

“maximalista”, a frequência do seu nome é mais constante em outubro dentre os meses analisados, provavelmente pela proximidade com a Revolução Bolchevique.

O tema “mulheres” foi registrado por questões relativas à conquista de novos direitos, como o acesso ao trabalho no serviço público, principalmente pela participação no exército. Há uma presença maior nas páginas do mês de setembro quando o governo provisório buscava fortalecer no exército sua base de apoio após a tentativa de golpe liderada por Kornilov.

A “Primeira Guerra Mundial” foi um tema subdividido entre os seguintes subtemas: aliados, diplomacia, justiça, patriotismo e paz. Eles surgem com mais frequência no mês setembro no período mais crítico da crise política do governo provisório. As notícias tratavam da necessidade de permanência na guerra ao lado dos aliados como único caminho de defesa da pátria, sendo a paz em separado considerada uma traição à nação.

Na temática “Revolução” foram selecionadas os seguintes subtemas: democracia, direitos, ditadura do proletariado, golpe, guarda vermelha, liberais, terra, violência e socialistas. Foram conteúdos temáticos presentes com equilíbrio nos dois meses devido às mudanças políticas e aos processos de disputas relativos aos rumos do governo provisório. As notícias indicavam um temor de que a Revolução fosse pelo “mau caminho” dos grevistas, representados pela presença dos bolcheviques vistos como ameaça à democracia por sua postura de “oposição raivosa” e “traidores da pátria” em defesa da paz.

Portanto, na investigação do conteúdo jornalístico do *Correio Paulistano* sobre a Revolução Russa entre setembro e outubro de 1917 é possível observar as formas como a imprensa de “grande tiragem” construiu sua abordagem, consolidando valores, opiniões e ideias políticas que perpassam pela história social do Brasil desde o século XX até o tempo presente. E se configuram nas chaves de leituras iniciais para compreendermos como se formou a base do anticomunismo elaborada e divulgada pela “grande imprensa” brasileira.



## Fontes e Bibliografia

### 1. Fonte

**Correio Paulistano**, set. a out. 1917, Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

### 2. Referências Bibliográficas

AGUIAR, Pedro. “O Império das Agências: territórios, cartel e circulação da informação internacional (1859-1934)”. IN: **Revista Eptic**, vol.17, n. 2, maio-agosto 2015.

AZEVEDO, Dúnya. **A reinvenção de um jornal: o design gráfico nas capas do Correio Braziliense**. Dissertação (Mestrado em Design). Escola Superior de Desenho Industrial, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, V.5, n.11, p.173-191, 1991.

CHRETIEN, Todd. “Antes de Fevereiro”. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/03/20/antes-de-fevereiro/> . Tradução de Rafael Bonavina. Acesso: 5 de agosto de 2021.

FERRO, Marc. The Russian soldier in 1917. Undisciplined, patriotic, and revolutionary. **Slavic Review**. Cambridge: Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies / Cambridge University Press, V. 30, Nº 3, pp. 483-512, september.1971.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**. São Paulo: Boitempo/Iskra, 2014.

LIH, Lars. A Revolução Democrática Antiburguesa: uma leitura da Revolução Russa. **RUS – Revista de Literatura e Cultura Russa**. São Paulo, V. 8, Nº 10, p. 81-99, dezembro.2017.

LUCA, Tania Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. IN: LUCA, Tania Regina de e MARTINS, Ana Luiza (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MAIA, Andréa Casa Nova; CARDOSO, Luciene Carris e SANTOS, Vicente Saul Moreira (Org.). **Russos em Revista: a Revolução Russa nas revistas ilustradas brasileiras.** Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

MCDERMID, Jane e HILLYAR, Anna. **Midwives of Revolution: Female Bolsheviks and Women Workers in 1917.** London: UCL Press, 1999.

MIÉVILLE, China. **Outubro: História da Revolução Russa.** São Paulo: Boitempo, 2017.

MOLINA, Matías. **História dos Jornais no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. “O anticomunismo nas pesquisas de opinião: Brasil, 1955-1964”. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/68817?lang=es>. Acesso: 10 de setembro de 2021.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize e TEIXEIRA, Alex Niche. “Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software NVIVO®”. IN: **Revista Alcance**, vol.23, n.4, out/dez.2016.

MOUILLAUD, Maurice. “A crítica do acontecimento ou o fato em questão”. IN: PORTO, Sérgio (org.). **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Editora UnB, 2002.

MURPHY, Kevin. **Revolution and Counterrevolution Class Struggle in a Moscow Metal Factory.** Chicago: HaymarketBooks, 2007.

SILVA, Danielle Jardim da. **Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: Apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai.** Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Nitéroi, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

STITTES, Richard. **The Women’s Libetarian Movement in Russia: Feminism, Nihilism and Bolchevism: 1860-1930.** New Jersey: Princeton University Press, 1978.

THALASSA, Ângela. **Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC: São Paulo, 2007.

TRUDELL, Megan. **As mulheres de 1917.** Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/06/14/as-mulheres-de-1917-especial-revolucao-russa/>. Acessado em: 12/02/2018.